

DESTAQUE

CORONAVÍRUS

Para os alunos, o regresso às aulas é "agridoce"

Os estudantes dos 11.º e 12.º anos estão de volta à escola. Entre o desejo da normalidade e o medo do vírus, estão decididos a subir notas e a recuperar tempo a pouco mais de um mês dos exames. Mas sabem que não estão todos em pé de igualdade

Reportagem Mariana Durães

Voltar à escola depois de tanto tempo em casa é "agridoce". A retoma da normalidade, "ver os professores e os colegas", dá um certo alento. "Mas ainda estamos a meio de uma pandemia e isto de voltar às aulas acaba sempre por trazer uma série de riscos que poderiam ser evitados", diz Afonso Gageiro, estudante da Escola Secundária da Portela. Os alunos dos 11.º e 12.º anos estão ansiosos e perdidos. As indicações sobre o regresso às aulas, marcado para hoje, foram chegando a conta-gotas.

"Sabemos que vamos ter de usar máscara, e em termos de segurança os avisos mais gerais já foram feitos, mas os mais específicos estão todos por sair", referia o estudante do 11.º ano ao P3, cinco dias antes da data marcada para o regresso às aulas. "As informações vão-nos chegando permitindo que adivinhemos mais ou menos como vai ser este fim de etapa e início de outra. Mas estamos à espera que o Governo dê mais informações, para a escola nos poder dar respostas", afirmou

Bárbara de Almeida, estudante do 12.º ano do Colégio Internato dos Carvalhos, em Vila Nova de Gaia.

Foi depois da publicação do decreto-lei sobre as aulas presenciais, a 14 de Maio, e das informações divulgadas pela Direcção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (Dgeste), que chegaram as indicações das escolas sobre horários, normas de segurança, divisão de turmas, assiduidade. As aulas presenciais apenas se realizam para as disciplinas com oferta de exame e mudou a assiduidade: passa a ser obrigatória a presença em todas as aulas, mesmo à distância. O encarregado de educação tem sempre de enviar uma justificação pela falta.

Carlos Matias, da Escola Básica e Secundária Alfândega da Fê, em Bragança, ficou a saber no dia 15 que teria aulas às segundas e quintas-feiras, entre as 8h55 e as 13h. "A escola vai distribuir o almoço em serviço de *take-away*. Os alunos têm de tirar senha *online* e ir buscar à cantina depois das 13h."

Madalena Lima, da Escola Secundária Rainha Dona Leonor, em Lisboa, conta que as aulas de História e Português – as que têm

oferta de exame no curso de Línguas e Humanidades – vão ser dadas no auditório à segunda-feira, e à quarta-feira a turma será dividida para cumprir as normas de distanciamento social exigidas dentro da sala de aula.

Mas nem todas as dúvidas foram dissipadas. É o caso de Eduardo Couto, da Escola Secundária de Santa Maria da Feira. Aluno do ensino profissional, com um estágio por fazer e notas do período anterior ainda por receber, quer fazer exames para ingressar na universidade. "O problema prende-se com o facto de o Governo delegar as competências dos estágios, aulas e provas de aptidão às escolas. É um peso enorme e as escolas não estão a saber lidar", atira o aluno do 12.º ano do curso de Técnico Comercial.

Apesar de o decreto-lei de 14 de Maio prever que as escolas possam oferecer a frequência de disciplinas em regime presencial a alunos que, fora do ensino regular, queiram realizar exames, Eduardo ainda não sabe se poderá ir às aulas hoje. O estágio, necessário para acabar o curso, é a principal preocupação: poderão ser simulados, ou seja, feitos em casa, mas ainda não há



MIGUEL MANSO



ADRIANO MIRANDA



ADRIANO MIRANDA

directrizes claras sobre esta opção. "O ensino profissional sente-se o parente pobre nesta situação."

Os alunos dividem-se entre a vontade de recuperar o tempo perdido e melhorar notas e o medo do vírus. No caso de Bárbara de Almeida, o facto de ter de usar transportes públicos para chegar à escola deixa-a "ainda mais nervosa": "Tenho medo de arriscar a vida da minha família, principalmente o meu avô, que vive comigo, e faz parte do grupo de risco." Mas também sabe que ficar em casa a vai impedir de subir notas.

Gonçalo Angeiras, da Escola Secundária Eça de Queirós, na Póvoa de Varzim, acredita que "a própria

reintegração na sociedade vai ser muito difícil". Para Madalena Lima, o principal problema é outro: "Estivemos a tentar adaptar-nos a um modelo de ensino que nunca tínhamos conhecido, as aulas *online* – que continuaram a contar para a nossa avaliação e a ter peso no nosso percurso académico –, e agora temos de voltar a reajustar-nos a outro modelo nunca experimentado. Sinto muita preocupação e pessimismo nos meus colegas." As aulas virtuais "não foram a coisa mais frutuosa", considera Afonso Gageiro. "Houve um grande esforço de todos para aprender, mas a matéria não aderiu tanto como se estivéssemos em aulas presenciais."



Afonso Gageiro, Eduardo Couto e Bárbara de Almeida partilharam as suas dúvidas e receios antes de hoje voltarem à escola

Ainda assim, sublinha o esforço dos professores “incansáveis” que não tardaram em adaptar-se, e acredita que se as aulas virtuais não tivessem acontecido, o cenário seria agora “muito mais complicado”.

Mais desigualdades

Gonçalo Angeiras não esquece as desigualdades. No caso da sua turma, todos tinham os materiais necessários – ainda que alguns tivessem de acompanhar pelo telemóvel –, mas sabe que nem sempre é assim. “Há alunos que não têm meios e que não foram apoiados pelas escolas ou câmaras municipais, e esta situação agravou muito as condições destes alunos, que se calhar vão ficar para trás.”

É que a partir de 6 de Julho estes alunos vão realizar exames nacionais. E se Gonçalo Angeiras é “sempre contra os exames nacionais”, neste momento ainda mais. “Não há condições psicológicas nesta fase para estarmos a colocar os alunos a fazer os exames”, sublinha. “Muitos deles irão ver os pais sofrer com a crise, quem sabe se não viram familiares doentes ou a morrer. E a crise veio agravar as condições socioeconómicas, que já estavam associadas ao insucesso dos exames.”

Madalena Lima admite que os exames a “assustam”. “Se normalmente o nível de preparação dos alunos já é tão diverso, nesta situação – em que temos escolas que nunca pararam de leccionar e outras, como a minha, que começaram a leccionar há duas semanas – eu questiono-me até que ponto este elemento uniformizado não está a agravar as discrepâncias.” Sugere por isso Eduardo Couto “que os exames sejam reformulados e que toda a matéria que não foi dada presencialmente seja retirada”.

Bárbara de Almeida precisa de subir dois valores a Matemática. “Tenho noção de que se estivesse a ter aulas presenciais iria conseguir.” Também Carlos Matias precisava de subir a nota a Matemática Aplicada às Ciências Sociais, a disciplina em que tem mais dificuldades e a que deixou no ano anterior por fazer. “Não sei se irei conseguir fazê-la, deslignei muito.”

mariana.duraes@publico.pt

Maioria dos estudantes do secundário não quer voltar e receia ser infectado

Samuel Silva

Investigador da Universidade do Minho, que conduziu o estudo, diz que os alunos deveriam ter sido consultados

Não pode dizer-se que cheguem contrariados, mas estarão, pelo menos, reticentes os estudantes dos 11.º e 12.º anos que hoje voltam a ter aulas nas escolas, após quase dois meses em casa. Um estudo desenvolvido pelo investigador da Universidade do Minho José Precioso revela que a maioria não queria voltar às aulas e tem medo de ser contagiada pelo vírus ou de vir a infectar um familiar ou amigo. Os alunos do ensino secundário “deviam ter sido ouvidos” antes de ter sido tomada esta decisão, defende o autor deste trabalho.

De acordo com o estudo – feito online junto de uma amostra de quase 1200 estudantes do ensino secundário público –, quase dois terços (59%) “discordam ou discordam totalmente” com o recomeço das aulas presenciais nesta semana. No mesmo sentido, a maioria (55,7%) dos inquiridos estivera de acordo com a suspensão decidida em Março pelo Governo.

Esta investigação revela outros indicadores do desconforto dos estudantes do secundário com o regresso à escola. Quando confrontados com a afirmação “Sinto-me inseguro se tiver de ir para a escola”, a maioria (56,3%) indicou “concordar ou concordar totalmente” com a asserção.

Os alunos parecem também perceber que a forma de contágio do novo coronavírus acarreta riscos não só para eles próprios, como para quem lhes é próximo. Mais de dois terços (67,2%) sinalizam ter receio de contrair a covid-19, mas esse sentimento aumenta se a questão for a transmissão do vírus a algum familiar ou amigo: 88,3% mostram ter esse medo.

“Tenho medo de arriscar a vida da minha família. O meu avô vive comigo e faz parte do grupo de risco”

Bárbara de Almeida
Estudante do secundário

Os estudantes, defende José Precioso, que coordena esta investigação, “deviam ter sido auscultados” antes da tomada de decisão da retoma das aulas, anunciada pelo Governo no início deste mês. A opinião dos alunos “é tão importante” como a de directores ou professores, defende. Essa foi, de resto, uma das principais motivações deste estudo, desenvolvido por este professor do Instituto de Educação da Universidade do Minho de forma independente nas últimas semanas. “Sabíamos que esta popu-

lação iria, em breve, voltar às aulas e estar exposta a situações de risco”, contextualiza Precioso, e era preciso saber “até que ponto estavam preparados para o enfrentar”. Um perigo com que os jovens vão lidar “não só nas escolas, mas também nos transportes públicos e na socialização inevitável” entre si, considera.

Conhecimentos, Opiniões e Comportamentos sobre a Pandemia de Covid-19 no Ensino Secundário – assim se intitula a investigação da Universidade do Minho – teve por base um inquérito

feito a 1170 estudantes matriculados no ensino secundário em escolas públicas. O questionário foi enviado por correio electrónico, acompanhado de um consentimento informado, a todos os directores das escolas secundárias do país. A maioria dos alunos inquiridos reside na região norte (52,3%), seguindo-se os residentes na área de Lisboa e vale do Tejo (14,3%).

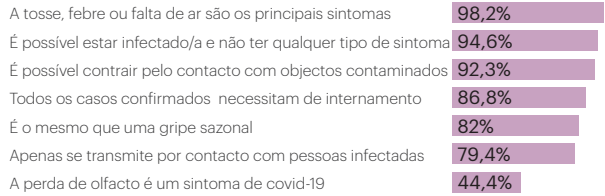
Nesta amostra, 46,8% dos estudantes não saíram de casa durante a última semana. A quase totalidade (95%) não utilizou transportes públicos. Os resultados ainda mostram que os alunos do ensino secundário têm um grau de conhecimento “razoável” sobre a doença e os seus riscos. Os estudantes responderam correctamente a uma média de 12,48 das 14 perguntas que lhes eram feitas. Os alunos do 12.º ano têm um nível de conhecimento sobre a matéria superior ao dos colegas do 10.º ano. A perda de olfacto é o sintoma que os alunos têm mais dificuldade em associar com a covid-19.

“De uma forma geral, os alunos e as alunas têm bons conhecimentos no que respeita à natureza da doença, das vias de transmissão do vírus, e das formas de prevenção. As suas opiniões e comportamentos são também, de uma forma geral, correctos”, avalia José Precioso.

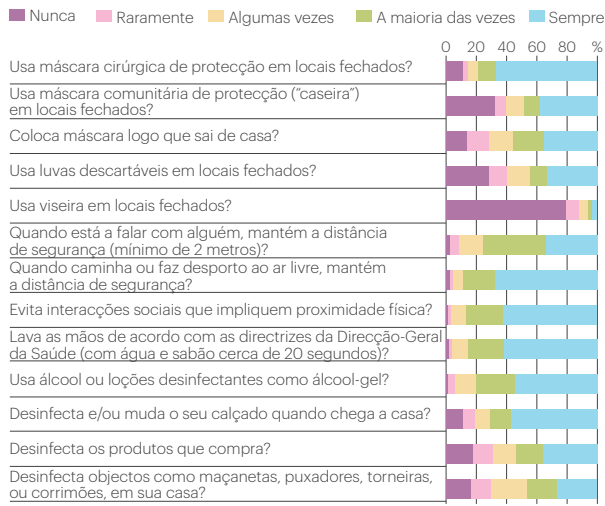
No entanto, reconhece o investigador, por ter natureza quantitativa, esta investigação “não dá ideia da forma como realmente os alunos se comportam”. Por exemplo, se é certo que 67,4% dos estudantes usam sempre máscara cirúrgica em espaços fechados e outros 38,1% referiram utilizar sempre máscara comunitária nessas situações, os resultados não dão a ideia de “como colocam as máscaras, por exemplo”. Essa dimensão vai agora ser avaliada numa nova fase da investigação. A maioria dos estudantes não usa luvas descartáveis ou viseira frequentemente. Apenas 24% e 22% dizem fazê-lo quando estão num espaço fechado.

Estudantes do ensino secundário

O que sabem sobre a covid-19?



Como se comportam em relação à covid-19?



Fonte: Conhecimentos, Opiniões e Comportamentos sobre a Pandemia COVID-19 no Ensino Secundário, coordenação de José Precioso, Instituto de Educação da Universidade do Minho

PUBLICO

samuel.silva@publico.pt



Edição Lisboa • Ano XXXI • n.º 10.981 • 1,30€ • Segunda-feira, 18 de Maio de 2020 • Director: Manuel Carvalho Adjuntos: Amílcar Correia, Ana Sá Lopes, David Pontes, Tiago Luz Pedro Directora de Arte: Sónia Matos

P

HOJE
NO DIA INTERNACIONAL
DOS MUSEUS
**A ARTE GANHA
VIDA E SAI À RUA**

Receba de oferta com o jornal PÚBLICO uma de mais de 20 máscaras sociais assinadas por alguns dos mais importantes museus, monumentos e fundações nacionais.
Ao proteger-se, está a proteger a cultura

MÁSCARA SOCIAL
GRÁTIS

COVID-19 APROVADO

OFERTA VÁLIDA PARA A EDIÇÃO IMPRESSA

Fisco faz perguntas a quem beneficiou das amnistias fiscais

Cidadãos que esconderam património e regularizaram IRS com taxas baixas começaram a ser sinalizados. Entre os advogados, há quem defenda que contribuintes podem recusar-se a colaborar **Economia, 26/27**

Painéis de São Vicente Começa o "restauro de uma vida" p12/13



Maioria dos alunos não quer voltar às aulas presenciais

Estudo da Universidade do Minho revela que 59% dos estudantes do secundário discordam do regresso p2/3



José Cutileiro, o outsider acolhido pela tribo dos diplomatas

1934-2020 O diplomata e antropólogo de formação morreu ontem em Bruxelas, onde residia p20/21

Pandemia obriga a mudar organização das eleições regionais e presidenciais

Ministro da Administração Interna revela ao PÚBLICO que eleições nos Açores em Outubro vão ter em conta regras de saúde pública e distanciamento **Política, 18/19**

Portugueses procuram cada vez mais bicicletas

Nas duas primeiras semanas de Maio, o interesse aumentou em vários pontos do país p24/25